

A VIVÊNCIA DA EMOÇÃO DO MEDO EM JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM CAMINHO PARA O EMPODERAMENTO

Andreza Vidal Bezerra¹

Táisa Caldas Dantas²

RESUMO: Este artigo objetiva identificar e analisar os principais estímulos que levam estudantes com deficiência intelectual a vivenciarem a emoção do medo. O estudo surge no âmbito do Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC), a partir de um projeto de extensão intitulado “A vivência da educação emocional com jovens com deficiência da FUNAD: um caminho para o empoderamento”, o qual promove oficinas de educação emocional para jovens com deficiência estudantes de uma turma da Educação de Jovens e Adultos. O argumento central é o de que a vivência saudável da emoção do medo, proporcionada pela educação emocional, pode gerar a quebra da tutela na vida das pessoas com deficiência a partir do modelo social da deficiência e fazê-las vivenciar um processo de empoderamento, o qual é de suma importância para que esse grupo social passe a ser protagonista da sua própria história. A pesquisa possui natureza qualitativa e foi realizada através da observação direta das oficinas de educação emocional e por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada com 27 estudantes com deficiência intelectual. Os resultados do estudo apontam que os principais estímulos que desencadeiam a emoção do medo em jovens com deficiência intelectual são oriundos de barreiras atitudinais como a discriminação, a violência, o bullying e a rejeição. Destaca-se também a importância de a educação emocional como meio para as pessoas com deficiência aprenderem a regular-se emocionalmente e poderem vivenciar um processo de empoderamento, quebrando a tutela que há sobre suas vidas.

Palavras-chave: Educação emocional. Pessoas com deficiência. Emoção do medo.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir de um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo por objetivo analisar a vivência da emoção do medo em jovens com deficiência intelectual, a partir de um projeto de extensão educação emocional voltado para os estudantes de uma turma de EJA de uma fundação paraibana. O argumento central deste estudo é o de que a vivência saudável da emoção do medo, proporcionada pela educação emocional, pode gerar a quebra da tutela na vida das pessoas com deficiência e fazê-las vivenciar um processo de empoderamento.

Durante décadas as pessoas com deficiência foram excluídas, sem acesso a uma educação de qualidade e outros direitos fundamentais. Posteriormente, começou a se pensar em uma educação exclusivamente voltada para esse público, porém ofertada distante da escola regular. Em meados da década de 1980, as pessoas com deficiência foram inseridas neste

¹Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB
andrezavidalbezerra@outlook.com

²Orientadora, Doutora, Táisa Caldas Dantas, Universidade Federal da Paraíba-UFPB taisa.cd@gmail.com

sistema de ensino, mas não havia nenhuma adaptação nem flexibilização da escola para receber esses alunos/as, permanecendo excluídos e esquecidos nos cantos das salas (JANNUZZI, 1985; GODOY, 2002; GLAT, 2004). Apenas com o advento do paradigma da inclusão, na década de 90, a partir do modelo social da deficiência, muda-se o foco do problema entendendo que os desafios não estão na pessoa com deficiência, mas nas barreiras atitudinais e/ou arquitetônicas que são encontradas na sociedade.

Nesse contexto, a educação emocional surge enquanto campo que contribui para superação destes obstáculos, visto que a vivência saudável das emoções leva ao alcance das competências necessárias para lidar com as exigências sociais. Ademais, desempenham um papel central e estruturante na vida de uma pessoa e influenciam na personalidade tendo impactos na saúde, tornando-se importante para estabelecermos relações interpessoais, harmoniosas e saudáveis.

Dentre as emoções humanas primárias inerentes a todo ser humano, Possebon (2017) define a emoção do medo como uma resposta imediata que desenvolvemos mediante a percepção de um perigo ou ameaça e que por muitas vezes nos impedem de fazermos coisas novas ou de arriscarmos. Nesse contexto, identificar e saber lidar com os estímulos que nos levam a sentir a emoção do medo, é fundamental para o rompimento de barreiras que paralisam e a vivência de um processo de empoderamento, o que faz o sujeito ter poder nas escolhas e traz diversas possibilidades de crescimento e melhoria de vida.

A partir da compreensão desses conceitos e dos estigmas que as pessoas com deficiência perpassam até os dias atuais, nota-se a relevância de se trabalhar no âmbito educacional os estudos sobre o universo das emoções, sabendo-se que não há como dissociar os aspectos cognitivos do afetivo, em especial destaca-se a emoção do medo, a qual possui função adaptativa e de evolução pessoal.

A natureza desta pesquisa é de cunho qualitativo e será realizada através da observação direta das oficinas pedagógicas sobre educação emocional realizadas no âmbito de um projeto de extensão e por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada voltado para jovens com deficiência intelectual, a fim de questioná-los sobre situações que os estimulam a sentir a emoção do medo, pedindo uma descrição do evento. O campo da pesquisa foi uma Escola Estadual pertencente à uma Fundação Paraibana que atende exclusivamente pessoas com deficiência. Os sujeitos desta pesquisa são estudantes da modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), inseridos em três turmas, totalizando 27 participantes.

Neste artigo iniciaremos abordando o conceito teórico sobre o universo emocional, a emoção do medo e a relação dessas emoções para o empoderamento de jovens com deficiência.

numa perspectiva pedagógica inclusiva. Posteriormente, apresentaremos o caminho metodológico percorrido, e por fim, a análise dos principais estímulos geradores da emoção do medo em jovens com deficiência intelectual.

METODOLOGIA

Essa pesquisa surge no âmbito do Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do Projeto de Extensão intitulado: “Vivências de educação emocional com alunos com deficiência intelectual da FUNAD: um caminho para o empoderamento”, realizado nos anos de 2017 e 2018 e em percurso em 2019, o qual possui a finalidade de realizar vivências de educação emocional com estudantes com deficiência intelectual. Neste artigo apresentamos, especificamente, a pesquisa relacionada à emoção do medo.

O campo de pesquisa deste estudo foi uma escola localizada na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD, especializada no acompanhamento e na assistência voltadas às crianças, jovens e adultos com deficiência, localizada no município de João Pessoa - Paraíba. Os participantes da pesquisa foram 27 estudantes com deficiência intelectual, matriculados em três turmas da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), oferecida no turno vespertino da Escola, com idades entre 18 e 40 anos, sendo 25 do sexo feminino e 20 do sexo masculino.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, foi utilizada a observação direta das oficinas de educação emocional e um roteiro de entrevista semiestruturado, a fim de questioná-los sobre situações que os estimulam a sentir a emoção do medo, pedindo uma descrição do evento. Considerando a necessidade de tornar o instrumento de coleta de dados acessível devido às peculiaridades de cada aluno/a com deficiência intelectual, adaptamos de forma que os estudantes pudessem responder oralmente às indagações contidas no roteiro.

Tratando-se de um assunto pouco discutido e trabalhado nas instituições de ensino, e do público alvo da pesquisa ser constituído por pessoas com deficiência intelectual, para que houvesse um melhor entendimento sobre a temática abordada no projeto, antes da coleta dos dados foram realizadas algumas oficinas de Educação Emocional, com o intuito de oportunizar conhecimentos sobre a emoção do medo. Os recursos empregados nas vivências foram: imagens, músicas, contação de histórias, desenhos e gravador de voz.

As vivências em torno da emoção do medo foram divididas metodologicamente em cinco momentos, sendo eles: 1. O contato inicial e a aproximação das pesquisadoras com os

estudantes; 2. A apresentação da emoção do medo utilizando os recursos didáticos; 3. A apresentação de um livro lúdico com imagens de situações potencialmente estimulantes para apontar a emoção trabalhada; 4. O diálogo com a turma sobre as situações encontradas no livro; 5. E a pergunta, de forma oral, acerca da experiência do estudante com a emoção do medo. Para garantir a fidedignidade das respostas os registros foram feitos através de um gravador de voz.

Após a realização das vivências foram organizados os dados coletados, sendo transcritos e catalogados de maneira que facilitassem a compreensão e a análise da emoção do medo nestes jovens.

DESENVOLVIMENTO

As pessoas com deficiência desde os primórdios foram excluídas socialmente pela falta de conhecimento que se tinha sobre as possibilidades desses sujeitos, ocasionando com isso uma usurpação de seus direitos, e em casos extremos em abandono e sacrifícios. Identifica-se, portanto, desde os primórdios até o século XVII, uma visão de deficiência basicamente associada à deformação humana, por conseguinte, uma visão de pessoa como um ser anormal, incompleto, imperfeito, portanto, sem nenhum valor social (SANTIAGO, 2003).

Por muito tempo as pessoas com deficiência não tinham o direito a própria vida, nem acesso a direitos fundamentais, como a educação. Com o desenvolvimento da história a partir dos movimentos de luta das pessoas com deficiência, se conquistou o direito à educação, porém era uma educação que visava afastar esse grupo da sociedade e do convívio familiar e tinha como base o modelo médico-patológico, que almejava a mudança destas pessoas (SASSAKI 2009).

Um dos marcos do direito à educação das pessoas com deficiência foi a Declaração de Educação Para Todos (UNESCO, 1990), o qual traz algumas metas para a educação das pessoas com deficiência, assim como a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) que estabelece diretrizes para um modelo educacional mais inclusivo, onde se começou a pensar em um currículo adaptado às necessidades específicas da aprendizagem das pessoas com deficiência, ocasionando num modelo educacional mais justo (DANTAS, 2010).

Dentro do modelo social da deficiência advinda com a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), passou a vigorar o entendimento de que as pessoas com deficiências têm suas potencialidades e que as barreiras que lhe são impostas, as impedem de ter o seu pleno desempenho e autonomia. Nas palavras de Diniz (2009, p. 69):

O modelo social da deficiência, ao resistir à redução da deficiência aos impedimentos, ofereceu novos instrumentos para a transformação social e a garantia de direitos. Não era a natureza quem oprimia, mas a cultura da normalidade que descrevia alguns corpos como indesejáveis [...]

Portanto, nota-se a importância do modelo social da deficiência, visto que é necessária uma mudança do pensamento social e a quebra de paradigmas e preconceitos para com as pessoas com deficiência, pois, isto impede o pleno desenvolvimento e o reconhecimento destes, como um ser integral (DANTAS, SILVA e CARVALHO, 2014). Nesse contexto, a educação emocional surge como campo fundamental para se trabalhar as emoções que estão na base de qualquer desenvolvimento e como ferramenta de prevenção contra atitudes preconceituosas e diversas barreiras atitudinais.

No que tange ao universo emocional, sabemos que as emoções são reações globais, inatas e passageiras que têm uma função específica na vida de cada ser (POSSEBON, 2017), e que para além disso, devemos ter o entendimento que as respostas originadas por cada emoção detêm um papel particular diante de determinados estímulos do nosso cotidiano.

A emoção pode desencadear em todo nosso corpo alguns estímulos e sensações oriundas de uma situação externa ou interna, ou seja, através de uma situação ou de uma recordação, bem como podem ser agradáveis ou não, pois “a emoção é uma reação natural e se configura como uma resposta imediata que surge mediante um estímulo ou uma situação” (POSSEBON, 2017, p.16).

É nítido que as emoções fazem parte da nossa constituição como ser vivo, pois elas constituem a personalidade, estão na base de todo comportamento e influencia diretamente na saúde (POSSEBON, 2017), bem como está relacionada com nosso interior, através de algo que nos afeta diretamente na alma, por isso destaca-se a importância de estudarmos essa temática no âmbito educacional.

No Brasil, os estudos sobre as emoções no âmbito pedagógico são recentes, principalmente quando direcionadas às pessoas com deficiência intelectual, pois além dos estigmas enfrentados até os dias atuais por esse público historicamente excluído (MAIOR, 2017), o modelo de escola brasileira tem um viés neoliberalista, visando uma mão de obra qualificada e o lucro, tendo como foco a aprendizagem baseada no quociente de inteligência (QI), deixando de lado os aspectos emocionais do ser.

Vivenciar a emoção de maneira saudável é de suma importância para termos respostas emocionalmente inteligentes, equalizando as emoções e o nosso corpo, evitando os comportamentos autodestrutivos e destrutivos. Para tanto, CASASSUS (2009) destaca que às vezes se descobrir emocionalmente pode ser agradável ou não, pois frequentemente escondemos

de nós mesmos as diversas faces que não nos agradam. Entendendo isso, é perceptível que o âmbito educacional não deve desconsiderar o estudo sobre o universo das emoções, pois todos nós devemos saber como desenvolver competências como: identificar, avaliar e geri-las.

Para, além disso, sabe-se que é na escola que a maioria das pessoas passa boa parte do seu dia e é onde ocorre diversos estímulos que devem ser trabalhados para que haja o entendimento de como vivenciá-las de forma socialmente inteligente e saudável. Nesse contexto, (CASASSUS, 2009, p.132) afirma que “[...] a capacidade de ver dentro de si mesmo é a possibilidade que tem cada um de ver seus próprios sentimentos”, de forma que se conscientizar emocionalmente é relevante para o ser no seu processo de aprender e desenvolver, visto que, a emoção proporciona o conhecimento emocional lúcido.

Durante o processo evolutivo da humanidade, e de acordo com os estudos realizados até o presente momento, o medo é a maior herança emocional que temos, porque possuímos uma predisposição a aprender determinados medos, como uma medida protetora aspirando a nossa própria sobrevivência. O medo segundo Bisquerra (2000) é uma resposta primária e imediata e é ativado mediante a percepção de presença de uma ameaça, isto é, ele aparece quando uma pessoa interpreta que algum dano ao seu bem-estar físico e/ou psíquico está por vir. Possebom (2017) também ratifica esse pensamento ao afirmar que o medo é ativado a partir de uma situação de perigo, e este pode ser físico ou imaginário, trazendo uma sensação de tensão e mal-estar, que ao ser estimulado, faz com que o sujeito queira se distanciar da situação, para se proteger.

Se por um lado o medo nos traz uma capacidade adaptativa diante de determinados acontecimentos, como por exemplo, a facilitação do surgimento de respostas e fugir de uma situação perigosa, por outro, o mesmo de maneira desregulada nos impede de arriscar diante do desconhecido (POSSEBON, 2017). Com isso, o medo pode interferir no nosso poder de decisão, ou seja, o medo incita uma preparação do corpo para que tenhamos uma resposta, mas se esse estímulo for excessivo, podemos ficar paralisados, ter um bloqueio emocional.

Diante do exposto, devemos ter o entendimento de que aprender a vivenciar a emoção do medo de maneira saudável é de suma importância para todos os seres humanos e a escola pode ser uma grande colaboradora neste percurso de autoconhecimento do ser, inclusive para as pessoas que possuem alguma deficiência.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados nesta pesquisa, foram percebidos alguns estímulos emocionais capazes de levar à vivência da emoção do medo em jovens e adultos com deficiência intelectual. Possebon (2017) orienta que não é qualquer situação que tem o poder de desencadear uma emoção, pois, para que a situação emocione, ela precisa ser um Estímulo Emocional Competente - EEC, ou seja, toda emoção emerge da avaliação que a pessoa faz da realidade e de seu olhar perante a situação (DAMASIO, 2013).

Considerando as análises realizadas, ficou perceptível que um dos estímulos capazes de gerar a emoção do medo entre os jovens com deficiência intelectual, está relacionado a situações que recordam a discriminação vivenciada. Um dos sujeitos da pesquisa explicita isso ao mencionar: *“quando fui a igreja vi um grupo perguntando sobre o que estava fazendo ali, que não era pra eu estar ali e começaram a rir dizendo que ali não era lugar de doido e eu não quis mais ir à igreja por isso”*.

A discriminação pode ser declarada de diversas formas, como por exemplo, segregando alguém, tratando-a de maneira diferente e parcial, por motivos de diferenças sexuais, raciais, religiosas. O ato discriminatório pode ser visível e provocar reprovação imediata por parte daqueles que o presenciam, ou pode ser “invisível”, velado, camuflado, sem produzir aparentemente consequências adversas imediatas para a pessoa discriminada (FERREIRA et al., 2009), como pode se perceber através das falas a seguir:

1. *“já estou acostumado já do povo debochar de mim me chamando de aleijado, troncho, cego. Eu fico triste, mas eu não vou demonstrar não entendeu.”*
2. *“[...] mangou de mim já, eu tenho medo, eu não gostei.”*
3. *“tenho medo, aham, eu tenho. De que as pessoas da igreja riam de mim de novo.”*

Estas declarações deixam evidente que a tutela excessiva sobre o grupo social das pessoas com deficiência as faz calar a voz que possuem dentro de si e se acostumarem com situações discriminatórias, porque acreditam que não possuem o poder necessário para mudar esta realidade. A ausência de autoconfiança, autoestima e empoderamento faz com que as pessoas com deficiência passem por esses momentos de opressão, acarretando muitas vezes em um conformismo.

De acordo com Baquero (2001) o empoderamento e seus diversos sentidos tem várias origens, mas historicamente suas raízes encontram-se nas lutas pelos direitos civis e no movimento feminista. O mesmo tem grande relevância no desenvolvimento de potencialidades

que reverbera na participação real dos grupos minoritários, contribuindo para a efetivação da democracia.

O empoderamento é um processo que envolve aspectos cognitivos, afetivos e condutas que significam a autonomia pessoal e coletivas dos indivíduos e grupos sociais nas relações (KLEBA e WENDAUSEN, 2009). Ou, seja, é de suma importância para os grupos minoritários que estão vivenciando relações de opressão e discriminação, para que tenham uma representação significativa na conjuntura política, que a partir da luta por seus direitos, possam desenvolver uma educação baseada na igualdade e qualidade de vida, através práticas de aprendizagem emancipadoras.

Sabendo que as pessoas com deficiência estão inseridas neste grupo minoritário, e que por muito tempo lhes foram negados o direito a uma vida digna, é necessário que a educação tenha consigo o papel de contribuir para a quebra de estigmas, a partir de uma educação emancipadora, ou seja, baseada numa da perspectiva do empoderamento, como um movimento interno pela conquista derivada da ideia de libertação do oprimido.

Portanto, na visão de Dantas (2017) a partir do empoderamento as pessoas com deficiência passam a ser protagonistas da sua própria história. Contudo, é necessário que elas conheçam a história de luta de seu grupo social, a sua história de vida e seus direitos, o que pode ser oportunizado através da educação emocional.

Outro estímulo emocional competente da emoção do medo identificado nos jovens participantes da pesquisa foi o bullying. O bullying compreende todas as atitudes agressivas sendo intencionais e repetidas causando dor e angústia, e é sempre exercida por uma relação desigual de poder (LOPES NETO, 2005). O bullying também está associado ao preconceito e é conceituado como um comportamento negativo para alguns grupos sociais, baseados em generalizações (ARONSON, 1999). Uma estudante com deficiência relata sobre a vivência do bullying com um namorado que terminou o relacionamento demonstrando ofensa verbal: *“Joelson já mangou de mim de diversas formas”*. As crianças ou adolescentes que passam por esse tipo de situação podem se tornar adultos com baixa autoestima, podendo ter sérios problemas de relacionamento futuros e vir a ter comportamentos agressivos, principalmente se não for trabalhada as suas emoções, uma vez que grande parte dos problemas têm origem no âmbito emocional (CASSASUS, 2009).

A rejeição foi outro fator apontado por este estudo que pode desencadear o medo nas pessoas com deficiência, e isto é refletido quando um estudante diz ter medo do futuro pois não aprendeu a ler e ver o tempo passar e não ter progresso nem desenvolvimento: *“eu tenho medo né , de chegar lá na frente e não saber ler e ninguém me querer”*. A rejeição tornou-se uma

forma silenciosa e legitimada do preconceito provocando sentimento de inferioridade na vítima. SILVA (2006a, p. 118) aborda este tema como um fator histórico decorrente do desenvolvimento da sociedade e que está direcionado aos grupos minoritários.

Outro estímulo do medo identificado foi o ato da violência, que segundo Pain (2006). É entendida como a ação de um sujeito sobre outro em condições desiguais podendo ser apresentado de forma bruta causando danos físicos ou moral se mediante a agressão psicológica.

A violência ocorre com maior frequência em pessoas em condições de vulnerabilidade, como é o caso daquelas que possuem deficiência, onde em sua grande maioria a violência física é gerada por parentes próximos ou familiares, realidade esta que ficou nítida na fala da jovem ao afirmar: *“tenho medo do meu tio, ele bate em mim”*.

Para além desta violência física, por muitas vezes os jovens acabam reproduzindo medos que lhe são falados corriqueiramente por seus familiares como explicitado a seguir: *“Tenho medo de ladrão, medo de ladrão na rua”*.

Conforme Chaui *apud* Pastana (1984) a violência é uma realização determinada das relações de força, tanto em termos de classes sociais quanto interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois outros ângulos. No primeiro, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade com fins de dominação, de exploração e de opressão, já no segundo, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa.

Dentro desse contexto, ainda foi possível identificar que além do medo nato próprio do sujeito e da sua individualidade, as pessoas com deficiência muitas vezes acabam por reproduzir os discursos do medo das pessoas que estão a sua volta, como explicitado na fala do jovem a seguir: *“Às vezes eu saio acompanhado com meus amigos, quando não é com eles é com alguém da minha família que meu pai não deixa eu andar só não. [...] É perigoso tem muito ladrão na rua.”*

Esta fala reflete a questão da autonomia que passa corriqueiramente a ser desconsiderada no momento em que são impedidos de realizar algumas atividades, acarretando uma reprodução do que lhe é imposto. Visto que é natural que as pessoas tomem as suas próprias decisões, as pessoas com deficiência também devem estar inseridas em sua realidade como autoras de suas vidas (DANTAS, SILVA e CARVALHO, 2014)

Isso deixa perceptível que os estudos acerca da emoção do medo com jovens e adultos com deficiência precisam ser trabalhados de maneira frequente, para que haja um maior desenvolvimento das competências emocionais nesse público alvo da educação especial para

que possam aprender a lidar com a suas emoções e assim consigam construir uma identidade própria (DANTAS, 2010).

É nesse sentido que dentro deste processo a Educação Emocional torna-se uma ferramenta fundamental, com o fim de proporcionar ao indivíduo ferramentas para o seu autoconhecimento, proporcionando uma consciência acerca das suas emoções e do outro, bem como a partir dessas competências emocionais os possibilitem tomar decisões socialmente inteligentes perante situações que desencadeiam a emoção do medo.

CONCLUSÃO

Diante da pesquisa realizada, é possível constatar que as situações que mais estimulam a emoção do medo nos jovens estudantes com deficiência intelectual da modalidade de Educação de Jovens e Adultos de uma Escola Estadual do município de João Pessoa-Paraíba, foram àquelas relacionadas ao preconceito, violência, rejeição e ao bullying vivenciado pelos mesmos. A partir deste estudo, permitiu-se que fossem propostas análises críticas sobre estas situações relatadas, as quais no nosso entendimento trazem o estigma da diferença ainda presente na sociedade hodierna.

Nesse sentido, com as intervenções firmadas nos Fundamentos da Educação Emocional, foi possível compreender algumas experiências emocionais que os estudantes vivenciaram, possibilitando evidenciar a maneira que as questões relacionadas à deficiência continuam a interferir fortemente nas emoções das pessoas que compõem esse grupo social.

Além disso, foi compreendido que a emoção do medo pode se constituir, quando vivenciada de maneira saudável, como uma emoção que tem uma função fundamental para a nossa proteção, nos trazendo uma capacidade adaptativa diante de determinados acontecimentos, se constituindo como um facilitador de respostas que nos fazem fugir de situações perigosas, porém sempre salientando que o medo se vivenciado de maneira desregulada impede o indivíduo de se arriscar diante do desconhecido, paralisando-o.

Compreende-se que a Educação Emocional direcionada ao contexto da educação especial, tomando primeiramente como base a tomada de consciência de si e, por conseguinte, a compreensão em torno do outro, culmina na vivência saudável e harmoniosa da emoção do medo, pois possibilita às pessoas com deficiência o enfrentamento de situações de vulnerabilidade, viabilizando a quebra de paradigmas.

Tais aspectos podem proporcionar um processo de empoderamento para o grupo constituído pelas pessoas com deficiência, contribuindo na construção de uma identidade

própria, fazendo com que situações que tornam muitas vezes estas pessoas vulneráveis e invisíveis, as façam mover e tomar o controle de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ARONSON, E. Prejudice. In: **The Social Animal**. New York: Worth Publishers/W.H. Freeman and Company, 1999. p. 304-363.

BISQUERRA, R. A. **Educación Emocional y Bienestar**. Espanã. Wolter Kluwer Educación. 2000.

CASSASSUS, J. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livros Editora, 2009.

DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DANTAS, T. C. **Direito das pessoas com deficiência à educação: evolução das políticas públicas e do marco legal**. 2010. Monografia (Graduação Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

DANTAS, T. C. **Estudo da autoadvocacia e do empoderamento de pessoas com deficiência no Brasil e no Canadá**. Tese (Doutorado em Educação).UFPB/CE. João Pessoa, 2014.

DANTAS, T. C. et al. Entrelace entre Gênero, Sexualidade e Deficiência: uma História Feminina de Rupturas e Empoderamento. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 20, n.4, p.555-568, 2014.

DINIZ, D. **O que é deficiência?** [ebook]: Editora Brasiliense, 2007. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/42459112/diniz-d-o-que-e-deficiencia>>. Acesso em: 17 jul 2019.

FERREIRA, W. et al. **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: UNESCO, 2009.

GODOY, H. P. **Inclusão de alunos portadores de deficiência no ensino regular paulista: recomendações internacionais e normas oficiais**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

GLAT, R. Auto-defensoria / Auto-gestão: movimento em prol da autonomia de pessoas com deficiência mental - uma proposta político-educacional. **Anais do 9o Congresso Estadual das APAEs de Minas Gerais**. Belo Horizonte/MG, 2004.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1985.

KLEBA, M. E.; WENDAUSEN A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde Soc**. São Paulo, v.18, n.4, p. 733-743, 2009.

LOPES NETO, A. A. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatría**. v.81, Nos (SUPL), 2005.

MAIOR, I. L.; MEIRELLES, F. A Inclusão das Pessoas com deficiência é obrigação do estado brasileira. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/izabelmaior-fabiomeireles>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

PASTANA, D. R. Cultura do medo. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**. São Paulo. n.10, p. 71-82. 2004.

PAIN, Jacques. **ESCOLA: Faces da violência, faces da paz**. Tradução de Fernando César Bezerra de Andrade, p. 17-33. 2006.

POSSEBON, E. G. **As emoções básicas**: medo, tristeza e raiva. Libellus. João Pessoa, 2017.

POSSEBON, E.G. **O universo das emoções**: uma introdução. Libellus, João Pessoa, 2017.

SANTIAGO, S. A. S. Exclusão e deficiência: primeiras aproximações teóricas. In: RICHARDSON, R. J. (Org.). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, p. 10-16. São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009.

SILVA, L. M. A deficiência com expressão da deficiência. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 44, p. 111-113. dez. 2006.

VALOURA, L. C. Paulo Freire, o educador brasileiro do termo empoderamento em seu sentido transformador, 2005/2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/188132164/Paulo-Freire-e-o-Conceito-de-Empoderamento>>. Acesso: 22 maio 2019.